

REVISTA

SABERES *da* AMAZÔNIA

CIÊNCIAS JURÍDICAS, HUMANAS E SOCIAIS

VOL. 7 | N. 13

JANEIRO - DEZEMBRO 2022 | ISSN: 2448-0576

RACISMO À BRASILEIRA: Os Abjetos do Desmundo na Psicanálise

Ronald Lopes¹

Jairo Carioca de Oliveira²

Resumo: Este texto aborda a interseção entre a psicanálise e os racismos, utilizando reflexões, debates, levantamento bibliográfico e análise política brasileira como embasamento. Destaca-se a importância de contextualizar a psicanálise, considerar os estudos interseccionais e refletir sobre diferentes formas de racismos, incluindo o racismo brasileiro baseado na cor da pele. Discute-se a influência da segregação nas normas culturais e a necessidade de reconhecer a diversidade racial, discutir negritude e branquitude, além de acolher a subjetividade, abrangendo desde a formação da identidade até a construção dos racismos pelo discurso científico. Aborda a dimensão histórico-social do abjeto, destacando a estigmatização dos corpos negros como abjetos na estrutura social brasileira. A raça é discutida como uma estrutura imaginária ligada aos processos fundamentais do inconsciente. Ao destacar a relação entre raça, racismo e poder, enfatizamos como o racismo é percebido como uma forma de distúrbio psíquico. Ressaltamos a importância de combater as forças de discriminação em todas as frentes, reconhecendo que os racismos afetam não apenas os indivíduos negros, mas também a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Psicanálise. Racismos. Abjetos. Raça. Amazônia.

Abstract: This text addresses the intersection between psychoanalysis and racism, using reflections, debates, bibliographic survey and Brazilian political analysis as a basis. The importance of contextualizing psychoanalysis, considering intersectional studies and reflecting on different forms of racism, including Brazilian racism based on skin color, is highlighted. It discusses the influence of segregation on cultural norms and the need to recognize racial diversity, discuss blackness and whiteness, and welcome subjectivity, ranging from the formation of identity to the construction of racism by scientific discourse. It addresses the historical-social dimension of the abject, highlighting the stigmatization of black bodies as abject in the Brazilian social structure. Race is discussed as an imaginary structure linked to the fundamental processes of the unconscious. By highlighting the relationship between race, racism, and power, we emphasize how racism is perceived as a form of psychic disorder. We underscore the importance of combating the forces of discrimination on all fronts, recognizing that racism affects not only black individuals, but also society as a whole.

Keywords: Psychoanalysis. Racism. Abject. Race. Amazon.

1 Doutorando em História/PPGH/UERJ. Pesquisador na interface entre Psicanálise, História e Cultura no Grupo Interinstitucional Áfricas UERJ/UFRJ, no LEGESEX/UFRRJ, no GPEA Audre Lorde/UNIR e no Grupo DIVERSITAS/USP. Psicanalista e Historiador. ronald.lobes@80@gmail.com

2 Mestrando em Educação/PPGEduc/UFRRJ. Pesquisador na interface entre Psicanálise, Educação e Cultura no LEGESEX/UFRRJ, no GPEA Audre Lorde/UNIR e no Grupo DIVERSITAS/USP. Psicanalista, Poeta e Teólogo. jairocarioca@ufrj.br

INTRODUÇÃO

O objetivo do texto é entrelaçar os saberes produzidos no campo da psicanálise com a temática do racismo. A metodologia empregada consistiu nas reflexões e debates empreendidos em alguns eventos sobre o assunto, levantamento bibliográfico e uma breve leitura da conjuntura política brasileira nos últimos quatro anos.

A interseccionalidade foi prerrogativa desde a fundação da psicanálise. Apesar da descoberta de Freud marcar um avanço revolucionário, é importante considerar o contexto das fases de seu trabalho no estudo da teoria e em sua disseminação. É crucial situar a subversão que ele promove dentro do contexto dos interlocutores e outros conhecimentos que desempenharam um papel na construção dessa prática. Atualmente, esses fundamentos estão sendo questionados por um novo campo de estudo conhecido como estudos interseccionais. Com foco nas questões de gênero, raça e classe, esse novo interlocutor promove um debate frutífero e urgente, que nos desafia e exige ação por parte dos psicanalistas.

Dentre os vários racismos no Brasil, há um que é mais perigoso de todos. O racismo não falado, um indizível não dito³ que se repete nas experiências cotidianas. Seu resultado decorre de um processo de desumanização do negro que incidiu sobre a construção de sua identidade, onde a característica distintiva desses racismos brasileiros é que ele não está na origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. “Nessa escala, o negro retinto é considerado negro, o mulato, com um pouco de ascendência branca, é classificado como pardo, e se a pele é ainda mais clara, a pessoa começa a ser incorporada à comunidade branca”⁴.

Lacan⁵ implicou ao perguntar: “Como nós, quero dizer, os psicanalistas, vamos responder ao fato de que a segregação foi posta na ordem do dia por uma subversão sem precedentes?” Produtora de “ninguendade” impossibilita a construção de uma consciência coletiva e uma identidade nacional unificada, devido às pressões sociais, históricas e estruturais⁶. O sujeito mantém com o Outro a mesma relação de ódio que

3 KILOMBA, G. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira – 1. Ed. – Rio de Janeiro, RJ: Cobogó. 2008

4 RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 225.

5 VERAS, M. A Contingência Negra. Correio Express - Revista Online da Escola Brasileira de Psicanálise. Ed. Extra, 2, 2018, p. 363.

6 RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 453.

mantém consigo. Essa perspectiva enfatiza a importância do Outro na formação do sujeito. O "Outro" se refere às figuras significativas do ambiente social, como pais, cuidadores, sociedade etc. A relação com o Outro é fundamental para a construção da identidade e para o desenvolvimento psicológico. Quando uma pessoa se relaciona negativamente consigo mesma, pode projetar esses sentimentos no Outro, interpretando as ações e intenções dos outros de forma distorcida e associando-as a sentimentos de hostilidade. Essa projeção pode ser uma maneira de lidar com os próprios conflitos e angústias internas, transferindo-os para fora de si. Esse mecanismo projetivo comporta uma ausência de prova da realidade psíquica, isto é, pela via da fantasia, o Outro é aquilo que eu projeto nele. Assim, segundo Mbembe⁷ “O branco está convencido de que o negro é um animal; se não for o comprimento do pênis, é a potência sexual que o impressiona. Ele tem necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o Outro. O Outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos”. Ainda em seu texto, ele forneceu um exemplo sobre o linchamento de negros no sul dos EUA dizendo que a origem desta violência reside no desejo de castrar esses negros.

A mesma lógica se aplica nos racismos brasileiros. “Tomados de angústia na própria potência sexual, o branco, pobre, racista e o fazendeiro eram tomados pelo terror ao pensar no gládio negro, do qual receiam não apenas o suposto volume, mas também a carácter penetrante e arrasador.”⁸ Este sintoma social localizado nos racismos se caracteriza por uma satisfação pulsional frustrada, onde libido e pulsão de morte se unem no gozo.

Há também a invenção dos racismos pelo discurso da Ciência. O ódio do Eu no Outro diante da diferença cultural. Isso significa que os racismos são resultados de construções sociais que utilizam argumentos científicos para legitimar a discriminação e o preconceito com base em diferenças culturais.

Historicamente, a construção de nações e a delimitação de fronteiras foram acompanhadas por narrativas que permitiram a compreensão do estrangeiro. No entanto, essa compreensão, muitas vezes, se baseou em estereótipos e generalizações, o que levou à criação de um lugar sociopolítico de racismo. Essa ideia sugere que os racismos são intrínsecos às estruturas sociais e políticas e que se tornou uma parte arraigada da maneira como as sociedades funcionam, profundamente enraizado nas estruturas sociopolíticas e uma característica inerente a muitas sociedades.

7 MBEMBE, A. Crítica da razão negra. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014. p. 146.

8 MBEMBE, A. Crítica da razão negra. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.

O sujeito da ciência produziu uma cisão entre o saber e a verdade se desdobrando num inconsciente que foracluiu populações periféricas cujo significante refugiou-se no devir negro. Durante muito tempo, os racismos foram negligenciados e pouco refletidos como problema teórico e prático nos discursos psicanalíticos. Esse *déficit* resultou em uma falta de escuta a esse significante racismo em nossos consultórios, o que tem consequências reais no sintoma do sujeito, pois reafirma a norma branca, um grupo que ao mesmo tempo se institui como ponto de referência, faz suscitar na sociedade o preconceito na detenção do poder. É na combinação do preconceito e do poder que se dá o significante racismo⁹. Um desrespeito em relação àqueles que vivenciam os racismos se manifestam como um retorno do Real, gerando distúrbios psíquicos (doença social) para as pessoas afetadas.

A psicanálise nasceu desse sujeito apartado de si migrante do mundo. Freud explorou a ideia de um “sujeito apartado de si” para descrever a fragmentação da psique humana, onde partes da nossa mente são inconscientes e inacessíveis ao nosso eu consciente. Esse “sujeito migrante do mundo” refere-se à condição do ser humano como um indivíduo que enfrenta desafios e mudanças constantes na vida, seja nas relações interpessoais, na sociedade ou no ambiente em que vive. Essa condição de mudança constante e a complexidade do mundo externo têm um impacto significativo na construção psíquica do indivíduo.

No livro "O Mal-estar na Cultura", Freud abordou a questão da segregação, ressaltando que a humanidade teve seu início com a exclusão de certos aspectos humanos considerados inaceitáveis ou indesejáveis na vida social. Essa segregação desempenhou um papel crucial na formação das normas culturais e morais, porém também gerou tensões e conflitos internos nos indivíduos. Consequentemente, a segregação e a exclusão moldaram a evolução da sociedade e influenciaram a psique individual, contribuindo para a compreensão do "mal-estar" presente na cultura e no sujeito.

Quanto aos racismos, é importante ressaltar que ele não é um fenômeno universal, mas sim um produto da ideologia relacionado à história da civilização ocidental. Até o século XVIII, as desigualdades sociais eram justificadas por um sistema ideológico fundamentado em crenças religiosas. No entanto, a partir do Iluminismo colonial francês, desenvolveu-se um dispositivo intelectual que dividiu a espécie

9 KILOMBA, G. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira – 1. Ed. – Rio de Janeiro, RJ: Cobogó. 2008

humana em raças desiguais (branca, amarela e negra), atribuindo à raça branca, considerada superior, a missão de impor seus valores ao mundo. Esse discurso pseudocientífico se uniu à explicação religiosa para justificar e legitimar a escravidão e, posteriormente, a colonização, que favoreceu o desenvolvimento industrial da Europa no início do século XIX¹⁰.

Esse discurso científico estereotipou negativamente o negro, perpetuando uma imagem negativa e falsa. O negro, por sua vez, internalizou essa imagem, resultando em uma alienação completa. Essa forma de racismo construída por estereótipos e preconceitos teve um impacto profundo na psique individual, influenciando a autoimagem do indivíduo negro e perpetuando a desigualdade social e cultural.

Existe um pacto narcísico dentro da branquitude, como apontado por Bento³³, o que resulta em um processo de desumanização do negro. A branquitude se autorreferencia, criando uma produção da diferença na imagem de si, que é moldada na relação com o Outro e no ideal de brancura. Essa imagem não se assemelha ao corpo real do indivíduo branco, sendo negada por ele mesmo¹¹.

Nesse contexto, ao negro resta apenas a alternativa de se assemelhar ao branco, buscando trocar sua pele física, cultural e intelectual. Infelizmente, apesar dos esforços, não ocorreu uma verdadeira integração do negro no mundo dos brancos. A recusa de integração, que resulta na manutenção das desigualdades por parte do grupo dominante branco, provoca a revolta do negro e a ruptura com o sistema escravocrata e colonial. O negro percebe que sua salvação está na retomada de si mesmo, afirmando-se culturalmente, moralmente, fisicamente e intelectualmente. Ele acredita ser sujeito de sua própria história e de uma civilização que lhe foi negada e precisa ser recuperada. Essa retomada foi nomeada de “negritude”¹².

Na psicanálise, a posição de entrada do sujeito em análise está relacionada à divisão: ou ele não pensa, ou ele não é. Isso corresponde ao estado neurótico comum, caracterizado pelos conflitos inconscientes, angústia neurótica e vicissitudes do narcisismo. A operação de alienação, ou seja, “não penso”, está ligada à finitude e à precariedade do sujeito, que busca segurança e garantia através do Outro. Djamilia Ribeiro enfatiza a importância de tirar o racismo da invisibilidade para pensar em

10 MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: Perspectivas e dificuldades. Revista de Antropologia. São Paulo. 1990

11 KON, Noemi; SILVA, Maria Lucia da; e ABDUL, Cristiane (orgs.). O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 124.

12 MUNANGA, K. Negritude afro-brasileira: Perspectivas e dificuldades. Revista de Antropologia. São Paulo. 1990

soluções. Frases como “eu não vejo cor” não ajudam, pois o problema não é a cor, mas seu uso como justificativa para a opressão. Devemos reconhecer a diversidade racial e falar sobre negritude e branquitude¹³.

O discurso do mestre, na perspectiva de Lacan, realiza sua revolução no sentido do giro que se completa. O discurso analítico é o contraponto do discurso do mestre. A identificação primária, de acordo com Freud, não é com a mãe, mas com o pai, que se torna o objeto merecedor do amor. O conceito de significante mestre é fundamental na psicanálise, pois representa um sujeito para todos os outros significantes, mas sempre mantendo uma ambiguidade e ocultando algo. O desejo do psicanalista atua na direção de desatar o sujeito do modo da cadeia de gozo, permitindo a passagem do discurso do inconsciente para o discurso analítico.

Diante do gozo que se identifica nos discursos de igualdade, seja no querer o bem do outro ou na sua recusa, ocorrerá a intensificação dos processos de segregação. Sobre o racismo Lacan¹⁴ diz: “vocês ainda não ouviram a última palavra a respeito dele”. Quanto mais se exige essa posição igualitária, mais este Outro se coloca como nada igual, totalmente diferente do que dele se espera. O disforme é o gozo que transforma o Outro em alguém que só me resta odiar, uma vez que põe em xeque as formas de gozar. O sintoma é o que permite a não sujeição da singularidade à individualidade do corpo, supondo o tamponamento dos orifícios pulsionais e os furos do inconsciente. O gozo do corpo é ao mesmo tempo corpo e vazio, exigindo a articulação do lugar de “mais ninguém”¹⁵.

Ao acolher o que resta, o psicanalista concede espaço para a manifestação da subjetividade em toda a sua intrincada complexidade e singularidade, escapando da armadilha de fazer Um. Tal acolhimento implica na valoração dos resíduos psíquicos, na escuta atenta e dedicada dos fragmentos que emergem durante as sessões terapêuticas. Nesse sentido, a clínica psicanalítica vai além do mero interrogatório da análise em si, englobando também a avaliação dos próprios analistas, instando-os a prestar contas acerca dos riscos inerentes à prática clínica, conforme implicado por Lacan em 1977¹⁶.

O ABJETO

13 RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2019

14 LACAN, J. O seminário: livro 19: ... ou pior. São Paulo: Editora Zahar. 2012. p. 227.

15 LAURENT, E. O passe e os restos de identificação. Opção Lacaniana Online. 2012

16 LACAN, J. Ourverture de la secton clinique. In Ornicar?, nº 20-21, pp. 7-14. 1977, p. 14.

Freud¹⁷ analisou minuciosamente a figura do duplo, um ser que habita um corpo ou partes sem vida em seu texto "*O Inquietante*". A relação entre o estranho e o recalçado nem sempre é assustadora ou sinistra, embora aquilo que deveria ter permanecido "secreto e oculto" venha à tona. Além do retorno do recalçado, existem mais dois elementos presentes nos aspectos infantis do "*inquietante*": o pensamento mágico e a repetição.

O objetivo do texto é examinar aspectos apresentados por Freud na relação entre o eu e o Outro. Com base em uma observação de Otto Rank, Freud apresenta uma série de possíveis motivações para a emergência da dimensão do "duplo". O eu, na tentativa de se proteger, estabelece conexões com sombras, espelhos, espíritos guardiões e crenças na alma imortal, por meio de projeções e identificações¹⁸. No entanto, à medida que o eu alcança estágios mais complexos de desenvolvimento, ultrapassando o narcisismo primário, esse mecanismo se torna uma armadilha. O duplo perde seu propósito original de proteção e se torna persecutório, dando origem a figuras demoníacas e aterrorizantes, que anunciam justamente aquilo que se buscava evitar. Nesse sentido, o modelo proposto por Freud me serve de abjeto. Ele é algo familiar que, em algum momento, pode ter servido como proteção do Eu, mas acabou sendo desprezível¹⁹.

Outro fator importante está relacionado à problemática da repetição. Qualquer coisa que nos remeta a essa íntima compulsão à repetição é percebida como estranha. A repetição involuntária a cargo de uma pulsão em fluxo cria uma sensação de estranhamento em torno de eventos que, se considerados individualmente, passariam despercebidos. Isso é amplamente difundido no cotidiano popular como a predestinação, superstição ou na famosa "lei de Murphy". Nessas situações, o fator regressivo faz ressurgir o pensamento mágico. No entanto, a repetição não deve ser vista como impulsor de um movimento regressivo. Isso acontece porque é algo que tem o efeito de desumanizar, de quebrar a integridade do eu, e isso, por si só, como Freud aponta, "é percebido como estranho".

Se a figura do duplo no *Infamiliar* é um ser sem vida que habita um corpo, então é porque em algum momento nos serviu de proteção do Eu, mas acabou sendo

17 FREUD, S. Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. Belo Horizonte: Autêntica. 2019, p. 353.

18 FREUD, S. Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.

19 FREUD, S. Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.

rejeitado produzindo efeitos persecutórios. Se "compulsão à repetição" é percebida pela via da sensação de estranhamento, podem desumanizar e afetar a integridade do eu, como apontado por Freud, então, nesse sentido, o modelo proposto pode nos servir de abjeto.

Julia Kristeva²⁰ discutiu abjeto como uma entidade que ocupa um espaço ambíguo entre o sujeito e o objeto, um espaço que ela descreve como um não-lugar. O abjeto é caracterizado por uma negação violenta que solidifica e dá consistência maciça nas fronteiras do Eu, como se fosse um não-Eu que se manifestou na separação traumática entre o Eu e o Outro, encontrando seu próprio espaço e significância.

O abjeto não é completamente excluído ou rejeitado de forma absoluta. Ele continua a desafiar o domínio do Eu, mesmo na marginalidade. O abjeto permanece como uma força perturbadora, incômoda e ameaçadora, capaz de romper as defesas do Eu e expor suas fragilidades. O abjeto é uma presença constante, porque sua carga subversiva resiste à dominação do Eu ameaçando sua soberania. O abjeto desafia seu mestre nesse lugar de Desmundo.

Este último significante carrega a marca colonial brasileira do Outro que tornou corpos negros como abjetos. Ao explorar essa noção do abjeto, a dimensão histórico-social molda sua manifestação. Na construção do Brasil colonial, o abjeto assumiu uma conotação particularmente dolorosa. Os corpos Negros foram sistematicamente estigmatizados como abjetos, relegados a um lugar de marginalização e subalternidade nas primeiras experiências de socialização. A colonização europeia assentada numa história soberanamente narcísica e subjetivamente universal construiu uma definitiva hierarquia imaginária de poder que degradou e desumanizou corpos, perpetuando um sistema de opressão e desigualdade.

Esse aspecto do abjeto revela como as relações de poder e os processos de exclusão estão profundamente entrelaçados. O abjeto atua como uma ferramenta de controle e dominação, mantendo certos grupos à margem da sociedade e reforçando estruturas de privilégio. É uma negação que consolida as fronteiras identitárias e sustenta o status quo.

A repressão da libido, que promoveu a própria existência da civilização, engendrou também o racismo como constituinte psíquico da sociedade brasileira. Como dizia Beatriz Nascimento²¹ “Quando de volta ao cotidiano, verifico que as pessoas veem

20 KRISTEVA, J. Powers of horror. An Essay on Abjection. Nova York: Columbia University Press. 1982.

21 NASCIMENTO, B. Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2021 p. 35.

minha cor como meu principal dado de identificação, e nesta medida tratam-me como um ser inferior. (...) querem tirar minha própria identidade?”. Já Lacan²² diz sobre o racismo “você ainda não ouviram a última palavra a respeito dele”.

Já no século XXI, observamos um retorno da interpretação biológica da diferença. No entanto, essa abordagem não se baseia mais no tamanho do crânio, na degeneração ou na transmissão hereditária de vícios e virtudes. Com as descobertas dos genomas ao longo do breve século XX houve a formação de um pensamento genômico, compreendendo as diferenças a partir de suas descobertas. O uso da genética tende a reforçar as tipologias raciais estabelecidas no século XIX, como a classificação do branco-caucasiano, negro-africano e amarelo-asiático para mais-de-gozar com certos grupos populacionais.

Outro aspecto relevante é o impacto das tecnologias e dos discursos que orientam as escolhas reprodutivas, incluindo a seleção de embriões e o planejamento da vida. Essas transformações no modo de produção capitalista são significativas, mas não são as únicas responsáveis por essas mudanças. Achille Mbembe²³ argumentou que vivemos em uma cultura que valoriza a segurança. Há supressão do risco e uma cultura securitária que busca prevenir acidentes futuros. A previdência social, por exemplo, é uma forma de prevenção em relação ao que pode acontecer no futuro. A ideia de prevenir impulsionou uma transformação fundamental na psiquiatria na segunda metade do século XX, quando deixou de ser apenas a ciência da loucura para se tornar um dispositivo de segurança.

Essa mudança indica que a raça e o racismo não pertencem apenas ao passado, mas também têm um futuro. Portanto, adotar medidas preventivas em relação a todos os outros considerados abjetos. Estamos diante de uma redefinição da própria ideia de cidadão beneficiário da vigilância. Essa vigilância se manifesta de maneiras privilegiadas por meio da transcrição das características biológicas e comportamentais em registros digitais, estabelecendo assim um estado securitário que inverte o papel do sujeito ao conceber a identidade e os movimentos dos cidadãos como fontes de risco. Isso explica a generalização do uso de dados biométricos como fonte de identificação e a automação do reconhecimento facial. Agora, temos novas formas de normalizar as populações, apresentando-as como naturais. A identificação também envolve o uso de fotografias e outras formas de reconhecimento que o Eu realiza foracluindo o abjeto.

22 LACAN, J. O seminário: livro 19: ... ou pior. São Paulo: Editora Zahar. 2012. p. 227.

23 MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Nesse sistema securitário, há um conteúdo seletivo de raça, gênero e classe que perpetua a invisibilidade social dos grupos abjetalizados.

No século XXI, observamos a reativação do enclausuramento, das fronteiras e dos muros como manifestações do racismo. A palavra "raça" não pode ser reduzida ao fato de não possuir essência, ser um efeito, um processo contínuo de poder ou transações desprovidas de dimensão interior²⁴. Da mesma forma, não é suficiente afirmar que a raça é um complexo de micro determinações, um efeito internalizado do olhar, uma manifestação de desejos insaciáveis e inconfessáveis²⁵.

“Para que possa operar enquanto afeto, instinto e espéculum a raça deve se converter em imagem e forma, superfície, figura e acima de tudo estrutura imaginária. É com ela que escapa as limitações do concreto do sensível e do finito, ao mesmo tempo, que comunga do sensível, no qual de imediato se manifesta. Sua força vem da capacidade de produzir incessantemente objetos esquizofrênicos de povoar e repovoar o mundo com substitutos e seres a designar em anular desesperado apoio a estrutura de um Eu fálico que não se sustenta na consciência”²⁶

Mbembe²⁷ destaca que há um problema de interpretação relacionado ao existencialismo sartreano sobre o olhar do Outro. No entanto, ele também não concorda que a raça é apenas práticas discursivas, embora ambos os aspectos tenham sua importância. Ele argumenta que a raça e o racismo estão ligados aos processos fundamentais do inconsciente, como apetites, afetos, paixões e temores. Eles são simbolizados principalmente pela lembrança de um desejo originário frustrado ou por um trauma. O significante raça tem capacidade de uma estrutura imaginária. É uma forma de deturpação do Real e um fixador de afetos.

Portanto, é uma forma de distúrbios psíquicos. A raça também está relacionada ao estabelecimento e afirmação do poder, sendo, acima de tudo, uma realidade especular e uma força pulsional. É por isso que o conteúdo recalcado volta brutalmente a superfície. O racismo é o nosso “Das Unheimliche”²⁸.

O ABJETO NO BRASIL

Bolsonaro ainda era deputado federal quando palestrou no Clube Hebraica, em Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, em abril de 2017. Na ocasião, falou: “Fui num

24 FOUCAULT, M. Nascimento da Biopolítica. Editora Martins Fontes, 2004.

25 FANON, F. Os condenados da terra. 2ª ed. - Lisboa: Letra Livre, 2021.

26 MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

27 MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

28 FREUD, S. Das Unheimliche, seguido de O Homem da Areia. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.

quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles”. Plateia composta por judeus, em sua maioria, caiu na risada com a “piada²⁹”.

Terça-feira, 16 de maio de 2023, o Tribunal de Justiça de São Paulo determinou que o comediante Léo Lins retirasse um vídeo de um espetáculo em seu canal de Youtube. O vídeo, publicado em 2022, continha piadas racista³⁰. A grande mídia deu mais destaque à condenação do comediante do que ao repúdio a sua prática habitual de fazer humor à custa de grupos marginalizados.

Há um processo de desumanização do corpo negro no nosso país e que se repete na cena cotidiana de forma normatizada. Estimular o humor baseado na dor e no sofrimento alheio é algo aceitável, algo que o ex-presidente do país e seus seguidores apoiavam. Portanto, não é surpresa que um humorista desse tipo tenha fama e que pessoas que se dizem antirracistas defendam e mostrem solidariedade a esse artista, como fez Fabio Porchat. Afinal, no Brasil, o racismo é estrutural.

“O fato de parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como ‘piadas’, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça, em geral, resistem em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racionalmente neutros”³¹.

O racismo é violência direcionada ao corpo preto, pobre e favelado, evidência clara das desigualdades e injustiças que permeiam nossa sociedade. O racismo enraizado se faz presente em todas as instâncias sociais, institucionais, políticas ou econômicas, uma forma de violência reproduzida no tecido social nas formas institucional e cultural. O racismo, “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertençam”³².

Nossa estrutura social e histórica marcada pela escravidão deixou cicatrizes profundas no tecido social do país. Essa estrutura é mantida por estereótipos,

29 [O racismo de Jair Bolsonaro: origens e consequências | Nexo Jornal](#) Acessado em 20/05/2023

30 [Entenda a decisão judicial contra o humorista Léo Lins por piadas sobre escravidão – Justiça – CartaCapital](#) Acessado em 20/05/2023

31 ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, p. 59.

32 ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018, p. 25.

preconceitos e discriminação, que culminam em uma negação sistemática da humanidade dos indivíduos negros. O pacto narcísico da branquitude³³ embora reconheça a existência do racismo na estrutura social, o mantém devido aos privilégios adquiridos, causando assim uma imensa dor psíquica.

É verdade que no Brasil, só há pouco tempo, a psicanálise passou a tomar as questões históricas e sociais como objetos de estudo. É impossível separar o sujeito de seu contexto social e de sua história do mundo, no entanto, somente quando esses corpos subalternos começam a chegar nestes espaços, outrora dominados por corpos brancos e questionar os efeitos psicológicos do racismo, é que se percebe uma ausência na teoria para explicar os sofrimentos vividos cotidianamente.

O que a pessoa negra diz do racismo é mais importante para a psicanálise do que qualquer outro discurso. Sendo o racismo um sintoma social, ele vai se manifestar no divã, por intermédio dos discursos do analisando. Mas ele será escutado pelo analista para além dos ruídos sociais? O analista terá a habilidade de pinçar neste discurso o que há de singular, separando cada significante das identificações e expectativas sociais, para implicar o sujeito em suas palavras e decisões? Freud afirmou que toda relação humana é influenciada pela pulsão de morte³⁴, entretanto, ele próprio, vítima da intolerância antissemita, recusou-se a se tornar uma vítima, rejeitando a coisificação promovida pela máquina alemã.

Paulo Freire pesquisou como a invasão cultural permitiu a sobreposição de uma visão de mundo específica sobre as demais existentes: a visão de mundo do opressor sobre a dos oprimidos. Segundo ele, a realidade opressora tende a ocultar suas próprias contradições, apresentando o mundo como algo imutável ao quais as pessoas devem se conformar, em vez de reconhecê-lo como um problema a ser enfrentado e transformado³⁵.

Uma clínica psicanalítica não pode ignorar que os negros foram obrigados a viver em um continente desconhecido, perdendo suas identidades, bem como sua condição de seres humanos. Tratados como animais e despossuídos de direitos, mesmo após a promulgação da “Lei Áurea”, que não se preocupou em inseri-los na sociedade.

33 BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo. 2002.

34 FREUD, S. (1996i). Além do princípio do prazer. In J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920)

35 FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 80.

Destinados aos trabalhos que expunham suas vidas ao risco de morte, participando da sociedade na condição de excluídos numa estrutura social que procurou manter o sistema de desigualdade e que tinha a função de impedir que saíssem da marginalidade social.

Os efeitos da escravidão reverberam hoje, nesses corpos coisificados e oprimidos através de cada profissional que em sua prática ignora os problemas raciais e sofrimento provocado pelo racismo em suas intervenções clínicas. De acordo com Freire, a invasão cultural é elemento fundador do complexo oprimido: “a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freia a criatividade, ao inibirem sua expansão”³⁶. Uma clínica ao idealizar a força de vontade como elemento de mudança, coloca a culpa dos fracassos no indivíduo, ignorando todo o processo histórico cultural do Brasil.

O inconsciente não pode ser pensado fora do social, ele é o discurso do Outro. Lacan chega a afirmar que o inconsciente é a política: [...] se Freud escreveu em algum lugar que a “anatomia é o destino”, haverá talvez um momento quando se revelará a uma sua percepção exatamente isso que Freud nos descobriu e que também se dirá que eu não disse exatamente que a política é o Inconsciente, mas tão simplesmente: “o Inconsciente é a política”. Eu quero dizer que o que liga os homens entre si, o que os opõe, é precisamente o que nos tem motivado a produzir os ensaios que nos levem ao instante de articular a lógica³⁷.

Dessa forma, não é possível pensar o inconsciente fora de um contexto sociocultural. O que se passa na pólis tem efeito na subjetividade de nosso tempo. As questões e sintomas trazidos pelo sujeito dizem do tempo e da cultura em que ele vive, isto é, da incidência do social. Pois se o inconsciente é o social, se o sujeito está nesse atravessamento do dentro-fora, e o racismo é estrutural e estruturante em nossa sociedade, fica evidente que vamos escutar efeitos dele no psíquico. É urgente que pensemos sobre a incidência do racismo estrutural na subjetividade de nosso tempo e no sofrimento que ele gera nos sujeitos que o experimentam no corpo. Parafraseando bell hooks, “imagine como é ter análise com um psicanalista que não acredita que você é totalmente humano. Imagine como é ter análise com psicanalistas que acreditam pertencer a uma raça superior”³⁸.

36 FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 86.

37 LACAN, J. *O seminário, livro 14: a lógica do fantasma (1966-1967)*. Sessão de 10 maio 1967.

38 HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020, p. 24.

O bruxo de Paris no seu poder de vidência como se fora Zaratustra do seu retorno idílico antecipa para nós o que seria o Real convivendo com o Imaginário: “Saibam que o que vem aumentando, o que ainda não viu suas últimas consequências, e que, por sua vez, se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo. Vocês ainda não ouviram a última palavra a respeito dele”³⁹. Assim, a cada notícia estampada em nossos jornais somos jogados no pesadelo do Real. A constituição subjetiva como produzida nos vínculos sociais e grupais, gerando uma singularidade só possível de ser escutado se contemplarmos as vicissitudes de sua relação no laço social, numa problemática que também afeta os sujeitos brancos.

Nas palavras de Audre Lorde⁴⁰: “E eu não posso tomar a liberdade de escolher entre as frentes nas quais devo batalhar contra essas forças de discriminação, onde quer que elas apareçam para me destruir. E quando elas aparecem para me destruir, não demorará muito a aparecerem para destruir você”.

Considerações finais

O texto descreveu o racismo não falado presente no Brasil, onde a cor da pele influenciou a classificação das pessoas. O racismo decorre de um processo de desumanização dos negros, afetando sua identidade. A relação do sujeito com o Outro é fundamental, pois as projeções negativas podem distorcer as ações dos outros e gerar hostilidade.

O racismo também se baseia em discursos científicos que alimentam o ódio do Eu pelo Outro. Historicamente, o racismo está enraizado nas estruturas sociais e políticas, perpetuando desigualdades. A falta de atenção ao racismo na psicanálise tem consequências reais para as pessoas afetadas. Freud explorou a segregação e exclusão como parte da formação das normas culturais, gerando tensões internas e um "mal-estar" na cultura e no indivíduo.

O texto também abordou o racismo estrutural presente no Brasil, destacando declarações racistas feitas por políticos e a condenação de um comediante por piadas racistas. O racismo é descrito como uma forma de desumanização do corpo negro, que permeia todas as esferas da sociedade e gera desigualdades e injustiças. A psicanálise é

39 LACAN, J. O seminário: livro 19: ... ou pior. São Paulo: Editora Zahar. 2012. p. 227.

40 LORDE, A. There is no hierarchy of oppression. In R.P. Byrd, J. B. Cole, & B. J. Sheftall. I Am Your Sister (pp. 219-220). Oxford University. 2009, p. 220.

chamada a considerar o impacto do racismo na subjetividade dos indivíduos e a importância de escutar as vozes dos afetados pelo racismo.

A invasão cultural e a falta de reflexão sobre a história e as questões sociais contribuem para a perpetuação do racismo. O texto ressaltou a necessidade de reconhecer o inconsciente como algo permeado pelo social e destacou a urgência de refletir sobre o racismo estrutural e o sofrimento que ele causa. Chamamos a atenção para a importância de ter profissionais de saúde mental que reconheçam a humanidade plena de todos os indivíduos. O Real é mencionado como uma realidade que convive com o Imaginário e o racismo é apontado como um problema que afeta tanto os sujeitos negros quanto os brancos.

REFERENCIA

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo. 2002
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo. 2002.
- FANON, F. Os condenados da terra. 2ª ed. - Lisboa: Letra Livre, 2021.
- FOUCAULT, M. Nascimento da Biopolítica. Editora Martins Fontes, 2004.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREUD, S. (1996i). Além do princípio do prazer. In J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920)
- FREUD, S. *Das Unheimliche*, seguido de O Homem da Areia. Belo Horizonte: Autêntica. 2019.
- HOOKS, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.
- KILOMBA, G. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira – 1. Ed. – Rio de Janeiro, RJ: Cobogó. 2008
- KON, Noemi; SILVA, Maria Lucia da; e ABDUL, Cristiane (orgs.). O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017. 304p
- KRISTEVA, J. *Powers of horror. An Essay on Abjection*. Nova York: Columbia University Press. 1982.
- LACAN, J. Allocution sur les psychoses de l'enfant. In: Autres écrits. Paris: Seuil. p. 363. 2001.
- LACAN, J. O seminário, livro 14: a lógica do fantasma (1966-1967). Sessão de 10 maio 1967.
- LACAN, J. O seminário: livro 19: ... ou pior. São Paulo: Editora Zahar. 2012. p. 227.

- LACAN, J. Ourverture de la secton clinique. In *Ornicar?*, nº 20-21, pp. 7-14. 1977.
- LAURENT, E. O passe e os restos de identificação. *Opção Lacaniana Online*. 2012
- LORDE, A. There is no hierarchy of oppression. In R.P. Byrd, J. B. Cole, & B. J. Sheftall. *I Am Your Sister* (pp. 219-220). Oxford University. 2009
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014. p. 146
- MUNANGA, K. *Negritude afro-brasileira: Perspectivas e dificuldades*. Revista de Antropologia. São Paulo. 1990
- NASCIMENTO, B. *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2021 p. 35.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo, SP: Companhia das Letras. 2019
- VERAS, M. A Contingência Negra. *Correio Express - Revista Online da Escola Brasileira de Psicanálise*. Ed. Extra, 2, 2018.